

Green e o silêncio do psicanalista

José Martins Canelas Neto¹

RESUMO Após situar o lugar do artigo “O silêncio do psicanalista” na obra de André Green, o autor retoma a reflexão desse psicanalista sobre o lugar do silêncio do analista, tanto na teoria, quanto na clínica psicanalítica. A questão do estatuto metapsicológico do silêncio do analista é discutida. Para isso, retomou-se uma concepção do enquadre psicanalítico do ponto de vista do “enquadre interno” do analista. O silêncio tem um papel central no enquadre, tendo por vezes uma função estruturante e interpretativa. Ele constitui um *a priori* da interpretação e é definido como espaço potencial do trabalho do analista. Green traz uma reflexão sobre a clínica não neurótica e a necessidade do trabalho de ligação e religação do analista com esses pacientes.

PALAVRAS-CHAVE: silêncio; enquadre; clínica não neurótica; interpretação.

O psicanalista francês André Green deixou um imenso legado para a psicanálise. Embora membro da Sociedade Psicanalítica de Paris, durante vários anos participou ativamente dos seminários de Lacan, autor que foi decisivo para a história de toda a psicanálise francesa. Lacan promoveu o que chamou de “retorno a Freud”, uma longa reflexão crítica da obra de Freud, conectando-a com outros campos do saber contemporâneo da época. Green, a meu ver, em um movimento que poderíamos chamar hoje de transferencial, se aproximou do mestre e se interessou muito pela visão nova sobre Freud que ele trazia, assim como pelo papel central que dava Lacan à linguagem em psicanálise. Depois dessa convivência próxima com Lacan, começou a elaborar os pontos em que divergia dele. Como fruto desse movimento de seu pensamento, surge seu primeiro livro, “O discurso vivo” (1973), em que introduz uma reflexão sobre a linguagem em psicanálise

1. Psiquiatra formado pela Universidade de Paris, Membro Efetivo e Analista Didata da SBPSP

e sua relação com o afeto. Nessa época, chegou a ser chamado de “o homem do afeto”. Para quem o conheceu pessoalmente, essa designação parece cair muito bem. Green sempre foi um grande pensador da psicanálise, apaixonado, que se empolgava bastante nas discussões entre os pares. Um psicanalista engajado.

Em 1975, no Congresso da IPA em Londres, Green apresenta seu trabalho: “O analista, a simbolização e a ausência dentro do enquadre analítico” (Green, 1974/1990a). Neste texto fundamental, o autor faz profunda reflexão sobre as mudanças no campo psicanalítico, na clínica e na teoria, e apresenta interessante teorização sobre o enquadre analítico, a qual não cessou de evoluir ao longo de sua obra. Não abordarei aqui essas questões. O que pretendo trazer são as ideias de Green sobre o silêncio do psicanalista, do ponto de vista clínico e teórico. O artigo “O silêncio do psicanalista”, publicado na revista *Topique*, número 23, de 1979, foi construído nesse período da obra de Green sobre o qual falei brevemente acima.

Nesse período, era comum o silêncio do psicanalista em sessão ser uma prática frequente. Para alguns, o silêncio era quase uma regra de ouro. Green questiona esse tipo de prática, o que o leva a refletir sobre o tema. Uma primeira pergunta é: pode-se dar ao silêncio um estatuto metapsicológico? Uma diferenciação importante deve inicialmente ser colocada: há um silêncio que é uma “figura do vazio” e um silêncio que Green define como uma “virtude do se calar”. O primeiro tipo remete ao “silêncio de morte” e mortífero, considerando esse vazio como nada, ausência absoluta. Já o segundo tem relação com o trabalho de elaboração do analista em sua escuta silenciosa.

Na prática clínica, podemos sempre nos colocar a questão trazida pelo autor: “Para qual analisando, em qual sessão e em que fase da análise deve intervir o silêncio do analista?” (Green, 1979/1990b, p. 319).

É possível dar um estatuto metapsicológico ao silêncio? Podemos dizer que ele é parte do enquadre analítico: “esse silêncio [virtude para se calar] torna-se então como uma tela de fundo sobre a qual se desenrola um pensamento associativo que mimetiza o regime fluente de energia livre” (p. 321). Esse trabalho do pensamento do analista em sua escuta silenciosa se aproxima do modelo do sonho e vai mais tarde ser aprofundado por Green com sua noção de “pensamento clínico”, que, dito de forma muito sucinta, é o trabalho de pensamento do analista em sessão, o qual se distingue do trabalho de elaboração teórica. Este último só é possível no “*après-coup*”. Assim, “do mesmo modo que o sonho é o guardião do sono, o analista é o guardião do enquadre, do qual o silêncio é o principal parâmetro” (p. 321).

Green foi muito influenciado por Winnicott, mas amplia a visão desse autor ao afirmar que o enquadre é muito mais do que a metáfora dos cuidados maternos. O enquadre é descrito como uma “matriz simbólica”: “uma condição do sentido que tem a ver com um sentido outro” (p. 321). O silêncio como parte do enquadre analítico passa a ser descrito por Green como uma função – a função silenciosa do analista. Esta é independente da quantidade de palavras ditas pelo analista. Ela se caracteriza essencialmente pela não resposta ou a resposta interpretativa ao conteúdo manifesto. Aplicando ao analista a ideia de Lacan de palavra plena/palavra vazia do paciente, “a palavra plena do analista é sempre interpretante (direta ou indiretamente) e ela pode ter a forma do silêncio” (p. 321). Desse modo, o silêncio também pode ser interpretação.

A função silenciosa é complexa. Quando o paciente associa livremente, a função silenciosa fica com o analista. Mas ela também fica fragmentada nos intervalos do discurso, nos brancos da associação livre. Muitas vezes, a interpretação surge desses brancos do discurso, dessas descontinuidades da associação livre. Para Green, toda interpretação emerge do pré-consciente, porque a interpretação resulta de uma formação de pensamentos e de uma colocação em palavras, encadeando representações e afetos.

Então podemos afirmar com o psicanalista francês:

Não há dúvida sobre a função estruturante do silêncio do analista. O silêncio constitui a tela de fundo sobre a qual vão se mover (ou se emocionar), se desenhar, se escrever, se compor as figuras projetivas do paciente. Ele seria como que um a priori da interpretação. (Green, 1979/1990b, p. 324)

Na clínica não neurótica, essa função silenciosa é dificultada. No caos psicótico, no nada objetal, nas patologias narcísicas, nas carapaças de caráter, na mobilidade dos casos-limite, nos pacientes psicossomáticos, o silêncio do analista é muito mal tolerado em geral. Nessa clínica, temos dificuldade em estabelecer essa função estruturante do silêncio. Trata-se de casos em que sempre estamos no limite do analisável.

Essas diferenças clínicas em relação à clínica da neurose levaram Green a criar toda uma visão metapsicológica para dar conta do trabalho com esses pacientes. O modelo do sonho da “Interpretação dos sonhos” de Freud é também um modelo do enquadre analítico, a partir de seu trabalho clínico com pacientes neuróticos e de sua autoanálise. Com a virada dos anos 1920, com “Além do princípio do prazer” e “O eu e o id”, Freud vai remanejar sua

metapsicologia com a nova dualidade pulsional e a nova estrutura do aparelho psíquico. A transferência vai ter conexão com a compulsão de repetição e o estudo do sonho vai se voltar para o pesadelo da neurose traumática. Abre-se, nessa mudança do pensamento freudiano, um novo campo teórico que é muito fértil quando refletimos sobre uma metapsicologia da clínica não neurótica. Green seguiu nesse caminho.

Em seu discurso interno, o analista é poliglota e polissêmico, havendo uma pluralidade de sentidos possíveis, os quais o analista vai escolher influenciado por suas opções teóricas. Então, o silêncio do analista é um silêncio laborioso, o qual é o “espaço potencial” do trabalho do analista. Ao mesmo tempo, é necessária uma atenção rigorosa às palavras usadas pelo analisando, pois elas indicam “o limite de contenção pelo verbalizável e constituem uma outra forma de complexidade em relação à fantasia” (Green, 1979/1990b, p. 335). Essa ideia de Green vai ser desenvolvida mais tarde em seu texto “A linguagem dentro da psicanálise” (1983), quando fala em um duplo aspecto da transferência: transferência sobre as palavras (a fala) e transferência sobre o objeto.

Outro ponto importante do texto sobre o silêncio é a afirmação de que a única regra para a interpretação é que o analista deve determinar, conjecturando, o que aquele paciente pode escutar dele. Escutar não é compreender ou consentir, lembra-nos Green, pouco importa se o paciente confirma ou não a interpretação, o importante para ele é o que chama de contrainterpretação, a resposta imediata do analisando à interpretação.

Green critica duramente o que chama de realismo genético na teoria psicanalítica, assim como uma crônica das figuras da fantasia que se apoia em um historicismo ingênuo. Sua concepção da temporalidade em psicanálise não é linear, mas a de uma heterogeneidade, com camadas que convivem de modo fragmentado. Na prática, o que é importante decidir é quais modalidades do trabalho do negativo estão em causa na sessão: recalque ou repressão, repúdio da realidade, desmentido ou forclusão.

O psicanalista francês propõe uma visão ampliada do silêncio em psicanálise:

o silêncio é o lugar do apagamento do manifesto para que se revele o latente. O silêncio é a ausência pela qual o manifesto cai no vazio para ressurgir sob a forma do latente. O silêncio é condição, tempo no condicional, governado pelo pensamento implicativo: se... então, dito de outra maneira, se eu entendesse o desejo do discurso o discurso do desejo seria esse. (Green, 1979/1990b, p. 338)

O último ponto que gostaria de salientar desse texto sobre o silêncio concerne a alguns apontamentos sobre a clínica com os pacientes não neuróticos. Uma distinção importante dessa clínica em relação à neurose é uma intolerância desses pacientes ao discurso associativo. Este funciona normalmente como simulacro de fragmentação psíquica que fica controlada por um Ego que, ao mesmo tempo, é invadido pelas pulsões parciais da perversão. Na clínica neurótica, esse Ego estaria suficientemente assegurado de seus limites e de sua consistência para permitir uma diminuição da censura moral e racional. Nos casos não neuróticos, temos outras condições, com as clivagens e o repúdio da realidade dominando o funcionamento psíquico. A parcialidade das pulsões não é totalizável, podendo se manifestar sem nenhuma continência psíquica. Esse quadro leva o analista a modificar sua técnica em relação à dos pacientes neuróticos. O analista vai operar pela ligação, por meio de intervenções, ligando partes do discurso do paciente. Esse trabalho de ligação tem um efeito positivo para o narcisismo do ego. A clivagem pode ocorrer entre cada fragmento associativo, que são justapostos uns aos outros sem relação entre eles. Nesse caso, a simbolização está colocada em questão. As ligações feitas nas intervenções do analista buscam religar os fragmentos para tentar criar condições de interpretação e/ou construção. “Há dois tempos na simbolização: o primeiro liga os termos do consciente, o segundo utiliza as ligações estabelecidas para religá-las com o inconsciente clivado” (Green, 1979/1990b, p. 342).

Esse trabalho de religação deve ser superficial, o analista deve evitar as interpretações ditas profundas nesses pacientes. Trata-se de um trabalho em superfície que busca um desenvolvimento do pré-consciente, que, nesses casos, não funciona bem como mediador ou filtro entre inconsciente e consciente. O trabalho do analista com essa clínica não neurótica fica no campo transicional definido por Winnicott. Green o define como uma categoria simbólica, no sentido da área intermediária como o “pode ser” e não aquilo que é ou não é.

Por fim, o fundamento do silêncio na psicanálise é tornar possível a emergência da representação, no seu mais amplo sentido. E o “trabalho analítico consiste na análise das representações do paciente para substituí-las por um outro sistema de representação pelo qual o sujeito possa advir” (Green, 1979/1990b, p. 344). Os processos primários e secundários necessitam do desvio pelo outro. Isso caracteriza a psicanálise, esse passar pelo outro.

O silêncio do analista acolhe o manifesto, para criar uma outra representação, a qual passa pela relação com o outro na transferência. Nesse sentido, o silêncio se aproxima de uma concepção do vazio em psicanálise que desenvolvi

no artigo “Reflexão sobre o vazio dentro da psicanálise: do horror do vazio ao vazio criador de metáforas” (Canelas Neto, 2008/2013). Com uma citação desse artigo termino meu texto:

A tensão criada entre a fala e o silêncio na sessão, mais que um vazio existindo em si, é vacuidade, potencialidade de sentidos, fonte do novo que surge das profundezas da alma. Para que isso ocorra é necessária uma estrutura enquadrante operando tanto no Ego do paciente quanto na capacidade do analista em ocupar esse “sítio do estrangeiro” (Fédida, 1996) que é o seu lugar. (Canelas Neto, 2008/2013, p. 139)

Green and the silence of the psychoanalyst

ABSTRACT *After situating the article “The silence of the psychoanalyst” in André Green’s work, the author retakes Green’s reflection about the place of the psychoanalyst’s silence both in theory and in psychoanalytic clinic. The issue of the metapsychological status of the psychoanalyst’s silence is discussed. For that purpose, a conception of the psychoanalytic framework from the psychoanalyst’s point of view about the “internal frame” is revisited. Silence plays a central role in the frame, sometimes having a structural and interpretative function. Silence constitutes an a priori of interpretation and is defined as a potential space for the psychoanalyst’s work. Green brings a reflection about the non-neurotic clinic and the necessity of the work of connecting and reconnecting the analyst with such patients.*

KEYWORDS: *silence; frame; non-neurotic clinic; interpretation.*

Green y el silencio del psicoanalista

RESUMEN *Tras localizar el artículo “El silencio del psicoanalista” dentro de la obra de André Green, el autor recupera la reflexión de este psicoanalista sobre el lugar del silencio del analista tanto en la teoría como en la clínica psicoanalítica. Discute la cuestión del estatus metapsicológico del silencio del analista, reanudando una concepción del encuadre psicoanalítico desde el punto de vista del “encuadre interno” del analista. El silencio juega un papel central en el encuadre, asumiendo, muchas veces, una función estructurante e interpretativa. Constituye un a priori de interpretación y se define como un espacio potencial para el trabajo del analista. Green presenta una reflexión sobre la clínica no neurótica y la necesidad de que el analista se conecte y reconecte con esta categoría de pacientes.*

PALABRAS CLAVE: *silencio; encuadre; clínica no neurótica; interpretación.*

Referências bibliográficas

- Canelas Neto, J. M. (2013). Reflexão sobre o vazio dentro da psicanálise: do horror do vazio ao vazio criador de metáforas. *Jornal de psicanálise*, 46(85): 127-140. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v46n85/v46n85a13.pdf> (Original publicado em 2008).
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- Green, A. (1983). Le langage dans la psychanalyse. In *Langages*, IIème Rencontres psychanalytiques d'Aix-en-Provence (pp. 19-250). Paris: Les Belles Lettres.
- Green, A. (1990a). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In A. Green, *La folie privée* (pp. 63-102). Paris: PUF. (Original publicado em 1974).
- Green, A. (1990b). Le silence du psychanalyste. In A. Green, *La folie privée* (pp. 317-346). Paris: PUF. (Original publicado em 1979).

Recebido : 20/04/2021

Aceito : 04/05/2021

José Martins Canelas Neto

Rua Baltazar da Veiga, 24

São Paulo – SP - CEP: 05410-000

(11) 3842 4769

josecanelas@uol.com.br